

Entrevista:
*Helder Resende &
Uemerson Oliveira*
Pág. 20

EDIÇÃO 7 | ANO 4
DEZEMBRO DE 2016
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



R E V I S T A

Vertentes Cultural

A revista do Sicoob Credivertentes

**CASA
TORTA,
ENCANTO
CERTO**

Pág. 05



NUNCA PARE DE SONHAR

Gonzaguinha

Ontem um menino
Que brincava me falou
Hoje é a semente do amanhã

Para não ter medo
Que este tempo vai passar
Não se desespere, nem pare de sonhar

Nunca se entregue
Nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu
olhar

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será



4 Editorial

Turismo

5 Casa Torta mostra que ousadia dá certo

Cultura

15 A magia dos sinos que falam e dos homens que os tocam em SJDR

Gastronomia

28 A história da família que mudou sabores em São Tiago

Entrevista

19 Helder Resende & Uemerson Oliveira

Em Pauta

9 Psicólogo fala sobre metas e autossabotagem

Crediverentes

23 Cooperar é sinônimo de atuar socialmente

Memória

33 As andanças de Gonzagão o trouxeram às Vertentes

Economia

11 Em Barbacena, a aposta certa em avicultura

Social

26 Mais de 6,5 mil títulos, uma história

Vida

36 Inventor de tecnologias e da própria história. A saga de Adail Lima

Nós e nossas sagas

“Minha vida é andar por este país, pra ver se um dia descanso feliz, guardando as recordações das terras onde passei”. A canção imortalizada por Luiz Gonzaga é uma ode às almas inquietas e ao destino de quem cruza caminhos aqui e acolá porque não sossega, porque quer conhecer o mundo, porque a vida e seus caprichos assim quiseram.

Ele próprio foi uma representação dessa jornada cigana e a narrou com sua sanfona depois de passar por diferentes estações de trem. Uma delas, em São João del-Rei, onde desembarcou para integrar o 11º Batalhão de Infantaria.

Marcou história como o militar que tocava triste em frente ao quartel, como o rapaz com talento nato, como o galanteador, como o obstinado músico que não conhecia notas musicais, mas encantava.

Constantemente, na internet, surgem frases de apoio no estilo “somos todos...”. Pois então podemos afirmar: somos todos Gon-

zagão. Ou algo semelhante: Luiz Gonzaga é todos nós. Nesta edição, uma matéria especial conta a passagem do Rei do Baião pelo Campo das Vertentes - e vale registrar aqui um agradecimento ao jornalista Rodrigo Resende, que de Brasília enviou material bibliográfico riquíssimo. Mas o pacote

“Já imaginou, por exemplo, que uma dívida paga com dois porcos pudesse se transformar em um super negócio de carnes na Terra do Café com Biscoito?”

de informações vai além, e segue focando em homens e mulheres que aqui estão, fazendo história de forma surpreendente.

Já imaginou, por exemplo, que uma dívida paga com dois porcos pudesse se transformar em um

super negócio de carnes na Terra do Café com Biscoito? Ou que um homem com dívida de R\$300 mil mantivesse o empreendimento que motivou o rombo e, ainda, se tornasse proprietário de uma granja altamente tecnológica? Que tal pensar na possibilidade de um garoto do interior mineiro, semianalfabeto, se tornar inventor na então capital brasileira?

Vale lembrar, da mesma forma, que esta revista em suas mãos é resultado de trabalho cultural em uma cooperativa de crédito que, há 30 anos, ousou ser fundada em um cantinho brasileiro desacreditado. Hoje, é a maior da região, com 16 agências, cerca de 15 mil associados e planos de ampliação em curto prazo.

O inacreditável nos move nesse terreno da existência, fazendo escala em diferentes estações. E é nele, protagonizado por você, que acreditamos. Boa leitura.

Filiada ao S.C.CREDIMINAS - Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais, à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
João Pinto de Oliveira - Presidente
Paulo Melo - Vice Presidente
Alexandre Nunes Machado Chaves, Antonio Vicente de Andrade, Fabiana Andréia Fernandes Diéle Barros de Oliveira, Helder José Daher Chaves, Jasminor Martins Vivas e Renivaldo Renaldo Bageto.

DIRETORIA EXECUTIVA
Jasminor Martins Vivas - Diretor Executivo Administrativo
Luiz Henrique Garcia - Diretor Executivo Financeiro

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Gilson Resende de Serpa, Cristiano Almeida e Marlon Castro
Suplentes: Henrique Santos e Luis Cláudio dos Reis

REVISTA VERTENTES CULTURAL
Revista semestral do SICOOB Credivertentes - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CIRCULAÇÃO
São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Barbacena, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Prados, Resende Costa, Ritópolis e São João del-Rei.

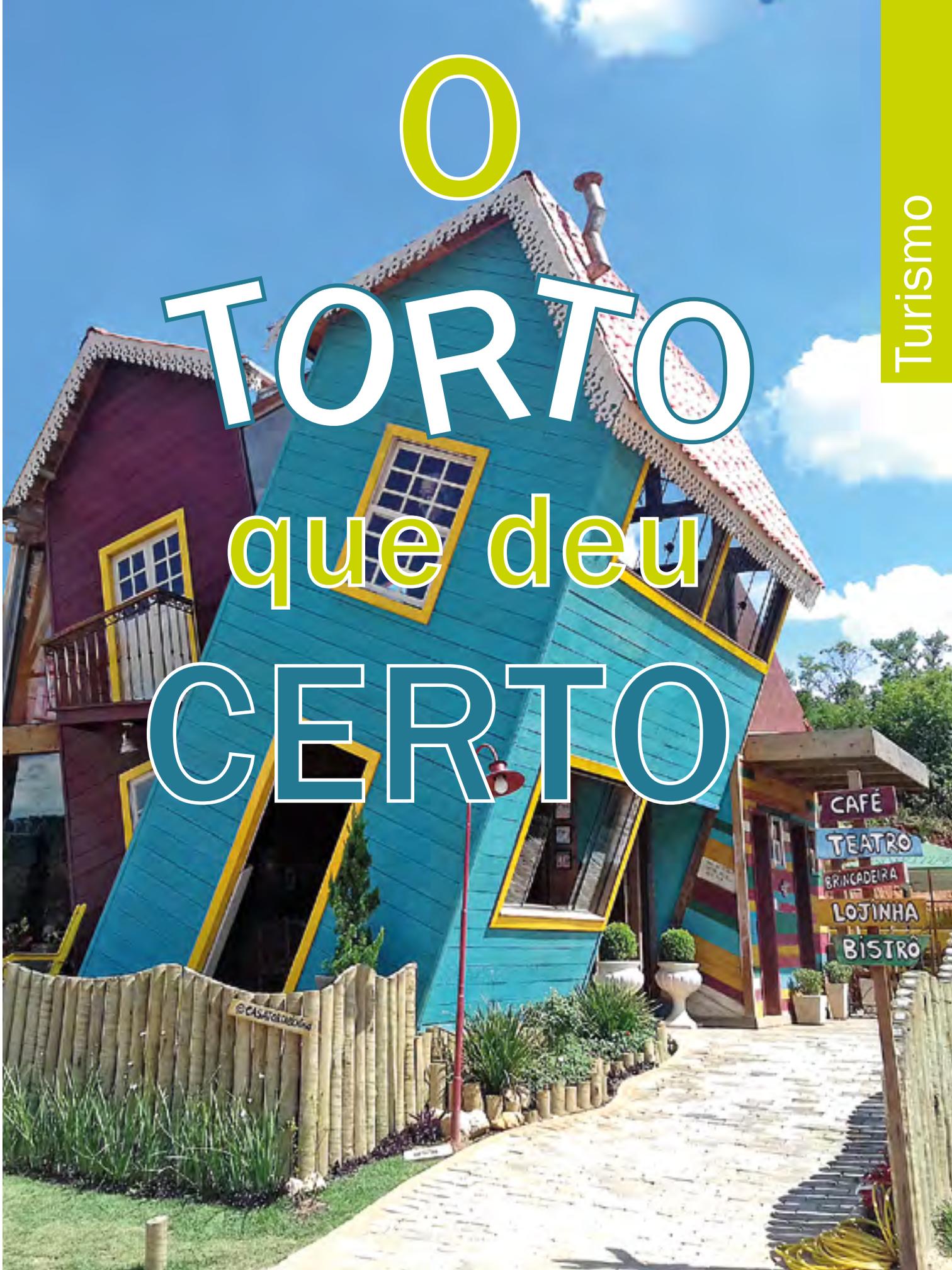
APOIO OPERACIONAL
Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Mariane Fonseca - MTB 15.883/MG
Tiragem: 5000 exemplares

FOTOS
Deividson Costa

DIAGRAMAÇÃO
Mapa de Minas Comunicação Integrada
As matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do SICOOB Credivertentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.



A vibrant, tilted wooden house with a steep, gabled roof. The house is painted in bright colors: teal, maroon, and yellow. The windows and doors are framed in yellow. A signpost to the right of the house lists various activities: 'CAFÉ', 'TEATRO', 'BRINCADEIRA', 'LOJINHA', and 'BISTRO'. The house is surrounded by a wooden fence and a stone path leads towards it. The sky is blue with some clouds.

O TORTO que deu CERTO

No GPS: Distrito de Vitoriano Veloso, em Prados, conhecido popularmente como Bichinho. Na mente dos baixinhos: o pontinho do mapa onde fica a Casa Torta. Ali, na comunidade famosa por sua culinária e artesanato, uma construção imponente e colorida se recusa a ficar na vertical e pende para os lados, em uma harmoniosa diagonal.

Mas não se preocupe. Por lá, a única coisa realmente ameaçando cair é o queixo de quem vê o imóvel pela primeira vez. De fato, difícil não se encantar pela Casa Torta, inaugurada no dia 12 de outubro. E não havia data melhor. Afinal, nesse feriado celebra-se a Padroeira Nacional, Nossa Senhora Aparecida, e o Dia das Crianças, público-alvo do espaço cultural que leva ao pé da letra todos os sentidos possíveis da expressão “fazer arte”.

O ESPAÇO

Parece coisa de desenho animado, parece reprodução dos primeiros rabiscos feitos lá no jardim de infância. Longe de qualquer rótulo definitivo, porém, a Casa Torta fica entre a realização de sonhos e desafios à Arquitetura e à Engenharia.

Tudo pensado pelo casal formado pela atriz Lu Gatelli e pelo produtor Renato Maia. Ela vinda de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul; e ele do Rio de Janeiro, onde se encontraram, se apaixonaram, se casaram, tiveram dois filhos... e idealizaram o espaço cultural que mescla, ainda, café, bistrô, teatro, brinquedoteca, parquinho alternativo.

Tudo isso com visitação e atividades com ingressos a preços populares.

Realidade que começou

com os devaneios de uma atriz “por acaso” e de um administrador que abandonou a loucura do mercado em nome da “maluquice” dos palcos.

ERA UMA VEZ...

Essa história teve início, na verdade, em 1992, quando Lu abriu os classificados de um jornal à procura de empregos no Sul do país. Aos 14 anos, ainda se recuperando da perda do pai, ela sentiu que precisava fazer algo por si e pela família.

Além de renda, ela procurava, também, por aquilo que abraçaria sua alma inquieta. Encontrou em um anúncio convocando atrizes para uma trupe mambembe. “Pra não dizer que nunca havia interpretado na vida, confesso que todos os anos organizava Autos de Natal com os meus primos (*risos*). Mas era só isso. Até hoje não sei por que acreditei, lendo aquele textinho, que poderia tentar a vaga. Muito menos como foi que a consegui”, explica.

Dali, ela acompanhou o grupo por viagens ao redor do país. Na estrada, aprendeu sobre interpretação, cenários, maquiagens, figurinos. Se apaixonou também pelo lúdico enquanto ensinava Teatro & Artes Visuais para crianças de 2 a 7 anos. E todo esse aprendizado carimbou seu passaporte para o Rio de Janeiro, onde atuou em uma série da Rede Globo, fez mais amigos e um deles a apresentou para Renato Maia, até então funcionário de uma seguradora.

O resto é história que, em um dos capítulos, inclui a criação do Grupo Entreato, promotor de espetáculos que, em meados dos anos 2000, acabou desembarcando no Campo das Vertentes para uma turnê. Em uma das paradas, no município de Tiradentes, Lu, Renato e companhia encantaram os espectadores enquanto, eles próprios, se rendiam aos encantos de Tiradentes.

Não demoraria muito para que a cidadezinha histórica, em tudo diferente do que conheciam e vivenciam no Rio, se transformasse em seu novo lar.

BICHINHO

Gabriel é um adolescente prestes a completar 13 anos. Rafael um bebê de apenas 2. Foi pensando neles que Renato Maia e Lu Gatelli fizeram as malas rumo ao interior. Queriam tranquilidade, sossego, andar a pé e, principalmente, proteger os pequenos de traumas. Muita coisa ficou no Rio, inclusive traumas de um sequestro.

Mas a paixão pelas artes cênicas e pelo lúdico veio na bagagem ao lado do fascínio pela WonderWorks, nos Estados Unidos, uma atração recheada de brincadeiras internas para envolver toda a família. Com um detalhe: a fachada e algumas estruturas lá dentro estão... de cabeça para baixo. Inspirados nisso, Renato Maia e Lu Gatelli saíram em busca de um espaço para implantar uma ideia tão inusitada quanto aquela. Encontraram na calmaria de Bichinho, bem perto de Tiradentes e de frente para a Serra São José, o local ideal para construções que começaram em novembro de 2015.

“Temos um garoto crescendo e um bebê. Além disso, sempre trabalhamos com crianças e essa é essencialmente a maior paixão da Lu. Junte tudo isso ao sonho de criar um centro cultural e está aí a explicação da Casa Torta”, conta Maia provavelmente pela milésima vez. É que entrar naquele espaço, cheio de cores e com paredes na diagonal, acaba levando a duas perguntas centrais: “Já posso brincar?”, para as crianças; e “Como é que pensaram nisso aqui?”, para os crescidos sempre buscando “porquês” para tudo.

Nada que incomode os criadores. “Um dos nossos objetivos é tocar as pessoas. Elas estão ficando cada vez mais sérias, acostumadas ao que vem pronto de fábrica, se esquecendo de criar. Se alguém olha para a Casa Torta e sente curiosidade de entrar, perguntar o que é, nos sentimos satisfeitos. Mais ainda quando percebemos que alguém passa com semblante fechado ali na rua, mas ao ver este lugar sorri, traz uma criança, a deixa brincar ali no quintal”, completa o produtor cultural.



Sejam
Bem
Vindos!



CAFÉ ESPECIAL
AFFOGATO ITALIANO
(CAFÉ COM SORVETE)
R\$ 10,00

IRISH
COFFEE
CAFÉ COM WHISKY
E CREME DE LEITE
R\$ 15,00

O casal Renato Maia e Lu Gatelli:
loucura por arte, cultura, infância e
projetos inusitados





CASA TORTA,

DIVERSÃO CERTA

Quando entrevistamos os idealizadores da Casa Torta para esta matéria, o artista plástico Fábio Francino expunha seus trabalhos no local. Entre as esculturas feitas em papel marchê, uma do clássico Pequeno Príncipe, símbolo máximo da literatura na busca da conexão entre a inocência e a racionalidade das “pessoas grandes”.

Mais do que representar uma das mensagens do espaço cultural, a presença da obra mostrava, também, a diversidade de ações por ali. Já na entrada, o visitante se depara com um harmonioso bistrô para cafézinho, bolo de laranja, pão de queijo ou várias outras delícias quentinhas. Enquanto isso, as crianças podem participar de Contação de Histórias no mezanino do segundo andar ou de oficinas que variam de temática no calendário da Casa Torta. E ele se torna mais intenso nos feriados. Portando, não se espante se encontrar pequenos pintando, batucando tambores ou aprendendo teatro em oficinas por lá. Shows? Também acontecem.

Já brincar é mais do que permitido/necessário/estimulado. Do lado de fora, onde também há um charmoso espaço de convivência para os adultos, crianças têm contato com poesia pintada nas paredes. E por falar em “paredes”, um painel de azulejo é convite para que possam desenhar à vontade.

Tem mais: é possível se divertir com materiais pedagógicos que vão de caixotes de madeira, além de um cercadinho com areia e uma casinha simpática no alto de um escorregador. “A ideia é permitir que meninos e meninas se sintam livres, rolem na grama, se sujem se quiserem, descubram e sintam o mundo”, frisa Lu. “Vale também redescobri-lo. Outro dia, um senhor de uns 90 anos passou horas se divertindo com o neto em um Peteleco, joguinho muito semelhante ao Futebol de Botão, que colocamos aqui. Os olhos dele brilharam e não faltaram gargalhadas nessa interação. Isso também conta muito pra nós”, lembra Maia.

E se depois dessa dinâmica bater a vontade de levar um pedacinho da Casa Torta com você, não faltam lembranças artesanais. Incluindo bocas... tortos. Todos produzidos à mão por Lu Gatelli. Tudo para espalhar um princípio que, recentemente, compartilhou no Facebook: “Abro as portas de uma Casa Torta para que adultos busquem a criança que se perdeu e pelos pequenos que estão crescendo e implorando pela liberdade de serem quem são, sem medo de olhares retos”.

Local: Casa Torta

Funcionamento: Quinta e Sexta, de 13h às 17h30; Sábado e Domingo, de 11h às 20h.

Contato: www.facebook.com/casatortabichinho/



Precisamos falar sobre a autossabotagem



É comum utilizarmos períodos de transição para fazermos propostas de mudanças. Dizemos que no próximo mês ou no segundo semestre seremos diferentes. Assim, os marcadores de passagem do tempo parecem estimular um pensamento de transformação pessoal.

Não me oponho a essas ideias. Esses marcadores são realmente capazes de mobilizar nosso psiquismo e ações. Nos orientamos pela passagem do tempo cronológico e nada mais lógico que esses costumes.

Tudo fica ainda mais forte quando a transição é fortemen-

te marcada por rituais coletivos... As comemorações de fim de ano, por exemplo. O ponto importante é que nada muda se nós não mudarmos. Os quilos a mais não irão embora sem alguma seriedade na prática de atividades físicas. Nosso trabalho não ficará melhor sem um pouco mais de

disciplina e, em alguns casos, um pouco mais de ousadia. Podemos até marcar uma data específica para iniciar um processo de mudança, mas devemos não esquecer que a vida é um fluxo constante.

Na prática, nada disso é tão fácil quanto parece. Vários empecilhos parecem fazer de tudo para nos atrapalhar a conquistar a tão almejada mudança. Em alguns casos, eles são externos e precisamos aprender a lidar com eles ou mesmo aceitar algumas limitações em nossos planos. Em outra grande parte das vezes, o problema não está nos percalços externos, mas em determinados padrões de funcionamento que carregamos conosco. Nesses casos somos os nossos maiores inimigos.

É sobre isso que falarei neste ensaio. Podemos dar vários nomes a esse fenômeno de atrapalharmos nossos próprios planos. Para facilitar a compreensão, chamarei de *autossabotagem*.

Sabe aquela capacidade de esquecer, justamente, aquela data importante para a realização do seu plano? Ou aqueles pensamentos que te atacam tentando te convencer de que nada irá funcionar, que você deveria se resignar e desistir antes que se magoe? São exemplos de autossabotagem.

Não estamos falando de um anjo mau que fica andando atrás de você, tentando te atrapalhar. Ou de uma praga que jogaram sobre nós e que nos impede de

ir adiante.

Autossabotagem é um fenômeno um pouco mais complexo, que não se resolve com algum tipo de benzeção ou exorcismo. Trata-se de um mecanismo de autoproteção que utilizamos para não nos colocarmos em situações que possam nos causar desconforto. Aquela ideia de se manter dentro de uma zona de conforto, onde já conhecemos o funcionamento e não somos tomados por grandes sustos.

“
Podemos até marcar uma data específica para iniciar um processo de mudança, mas devemos não esquecer que a vida é um fluxo constante
”

Obviamente esse é um mecanismo importante, não é muito esperto entrar em toda e qualquer empreitada. Largar, sempre, mão do certo pelo duvidoso. Sair de uma condição estável para uma empreitada em direção a projetos mais arrojados, com raras exceções,

significa se arriscar. Apesar de algumas histórias de sucesso, sabemos que muita gente acaba fracassando nessas tentativas e nada mais natural que sentir receio. O grande problema é quando isso ganha proporções exageradas e não conseguimos dar um passo para fora do habitual.

Imagine uma pessoa em uma situação minimamente estável, mas sem condições de crescimento pessoal. Essa pes-

soa diz de todas as oportunidades que lhe foram tiradas, sobre como a sorte parece estar contra ela, que as injustiças do destino recaem todas sobre os seus ombros. Quando olhamos mais perto, percebemos que o sujeito em questão negou todas as possibilidades de crescimento, sempre tinha uma desculpa muito bem articulada, pelo menos para si mesmo, dos motivos pelos quais não deveria se arriscar. É muito importante deixar claro que não tem problema nenhum querer estabilidade, decidir continuar na chamada zona de conforto. O problema é estar alienado dessa decisão. Quando sabemos a razão de nossas decisões, não precisamos inventar tragédias pessoais que expliquem nossa atual condição. Claro que ninguém quer perceber que uma boa parte de nossa insatisfação foi causada por nossas próprias escolhas, mas, por mais desagradável que seja, é muito mais saudável.



Marcelo Marchiori é psicólogo clínico. Escreve para o site www.descobrimossonhos.com e pode ser seguido no seu perfil do Facebook: www.facebook.com/marcelo.marchiori.357

Das 'DURAS PENAS' na vida ao sucesso no mercado avicultor

*Em Barbacena, empresário descobriu
numa granja a chance de ter um negócio
próprio e dar a volta por cima*



Todos os dias, Carlos Claret Chioti, de 63 anos, segue o mesmo ritual: antes de começar as atividades na Granja NOME, passa pela capela de Santa Rita de Cássia e reza. A oração diária à Padroeira das Causas Impossíveis tem explicação. Foi a ela que o empresário recorreu em 2002, quando foi demitido de uma empresa onde trabalhou por quase 20 anos; e pouco tempo mais tarde, quando uma dívida de R\$300 mil ameaçou sua esperança de recomeçar com um negócio próprio.

Hoje dono de uma granja-modelo onde crescem mais de 90 mil aves a cada 60 dias, Chioti responde por um empreendimento incluído em Sistema de Integração altamente tecnológico junto à Rivelli, uma das maiores empresas do ramo alimentício no país.

Mais do que um case de sucesso, a história do Sítio da Vó Maria envolve volta por cima, empreendedorismo e persistência. Algo que começou ainda nos anos 50, em uma comunidade pobre de Belo Horizonte.

VIDA DURA

“Nasci em Itapeverica, mas com 4 anos me mudei para BH com a família. Lá, passamos a morar na Cabeça de Porco, uma favela da capital. Se tenho vergonha disso? Nenhuma. Foi ali que aprendi muitos valores envolvendo perseverança e coragem”, lembra Chioti.

Isso porque, já aos 6 anos, se viu saindo de casa para trabalhar, vendendo pastéis na rua. Era a forma de ajudar a mãe no cuidado com os outros oito filhos e o pai, um operário do Estado. Naquela época, porém, o serviço público em nada se aproximava dos bons salários e da estabilidade que o caracterizam hoje. “Lembro de ele ficar até sete meses sem receber um centavo. Era penoso e triste, sim. Por outro lado, nos fortalecemos desde pequenos”, conta o empresário.

E é a lembrança desses momentos que mantém Chioti com

os pés no chão. Décadas depois, ele e a esposa protagonizaram uma história de ascensão e crescimento em Barbacena. “Do fundo do poço voltamos à segurança de forma até rápida. Mas a duras penas. Literalmente”, ri.

GOLAÇO. NO MERCADO

Jogador de futebol talentoso, Chioti foi parar no time juvenil do Cruzeiro Esporte Clube, então presidido pelo empresário Felício Brandi. Dono de uma indústria, o empreendedor viu no jovem atleta algo mais que talento com bola no pé. E o convidou para trabalhar em uma fábrica. Detalhe: Chioti tinha apenas 13 anos. Dali em diante, a história dele foi marcada por crescimento profissional, chegando a gerenciar a produção de uma tecelagem também em BH.

Foi aí que veio o baque: após 20 anos de serviços prestados, acabou demitido em meio a uma crise. “Aos 49, com filhos na faculdade, eu entrei em desespero sem saber o que exatamente poderia fazer. Foi aí que minha esposa e eu começamos a correr atrás”, diz.

O nome dela? Rita de Cássia, como a santa. E juntos fizeram, mesmo, o impossível.

A OPÇÃO

Pais de quatro filhos, Rita e Chioti começaram a pesquisar possibilidades para empreender na interiorana Barbacena, cidade que escolheram para viver. “Cogitamos voltar a BH, mas já havíamos criado raízes aqui. Então analisamos opções. Criar gado? Abrir um mercado? Soubemos então que a Rivelli contava com um Sistema de Integração. Uma parceria na qual produtores criavam o frango seguindo normas específicas até crescerem e recebiam por isso. Topamos fazer parte”, conta o belorizontino.

Havia, porém, dois empecilhos: ele e a esposa não tinham qualquer conhecimento sobre o cuidado com aves; muito menos contavam com espaço para imple-

mentar a granja que idealizavam.

CORAGEM E DESESPERO

O primeiro passo foi adquirir um terreno, logo na entrada de Barbacena, onde um galpão pudesse ser instalado. E o projeto era ambicioso: para a parceria com a empresa alimentícia funcionar, seria necessário um espaço com mais de 2,5 mil metros quadrados. Na época, Chioti tinha economias suficientes para arcar com apenas 1/3 de tudo isso.

Recorreu, então, a um empréstimo que foi inicialmente cedido. Logo após o lançamento das obras, em outubro de 2002, veio a notícia: por questões políticas, a instituição havia suspenso o financiamento, orçado em mais de R\$300 mil reais. Com empresa contratada e outros investimentos já oficializados, Chioti e Rita se viram em uma sinuca de bico dolorosa. “Não havia dinheiro para pagar e também não queríamos suspender o negócio. Sabíamos que ele daria certo. O jeito foi assumir a crise e tentar negociar a situação. Fiquei com nome negativo, passei noites sem dormir, passei a tirar leite em algumas vacinhas compradas inclusive para o nosso próprio sustento”, narra.

Eis que o primeiro galpão foi inaugurado. Dentro dele, 45 mil frangos começaram a ser cuidados já em 2003. Seis meses depois, o retorno apareceu. Começou, então, a saga para quitar a dívida. Algo que se arrastou por cinco anos, nas palavras de Chioti: “No desespero eu rezei e pensei: ‘Já está na chuva. Se molhe. Caso pare tudo isso, vai ter apenas um débito estratosférico para ser coberto. Se continuar, terá de onde buscar renda para reverter esse desastre’”.

SUCESSO

O stress e a tristeza na situação com o banco não fizeram o casal de empreendedores desistir em Barbacena.

Em busca de crédito, Chioti se arriscou a entrar, certa tarde, na



agência do Sicoob Crediverentes da cidade. “Trabalhei em uma empresa, na capital, que tinha uma cooperativa dentro dela. O objetivo era oferecer apoio financeiro aos funcionários com juros abaixo do mercado, ações mútuas. Sempre achei interessante e inspirador. Quando procurei o Aloizio (Andreto, gerente do Ponto de Atendimento barbacenense), ele me explicou como funcionava, todas as possibilidades com que eu contaria e, acima de tudo, o compromisso da instituição comigo. Então tirei todo o meu movimento financeiro de um banco e coloquei lá. Daí pedi um financiamento que veio com apoio do BNDES”, acrescenta.

Foi assim, então, que o segundo galpão da NOME começou a ser erguido. Sem traumas, se transformou em alojamento de 2,7 mil metros quadrados para 50 mil aves. E ganhou pouco depois um aporte tecnológico custando R\$500 mil.

AVICULTURA DE PONTA

Chioti não esconde a inocência pessoal nutrida no início do negócio. “A única coisa que eu conhecia do frango era o sabor, porque o consumia”, costuma dizer.

De lá para cá, porém, muita coisa mudou. Hoje, ele reconhece espécies, costumes, trejeitos, necessidades e uma infinidade de números e fórmulas envolvendo estratégias para que cada ave se desenvolva e cresça em um cronograma definido.

Parte disso vem do manuseio de um aparelho específico, instalado em um dos galpões da granja. Através dele, os milhares de frangos habitando o local são cuidados com alimentação constante; iluminação controlada entre alta, média e baixa intensidade; umidade relativa do ar; temperatura ambiente com aquecimento ou resfriamento, se necessário.

Tudo seguindo normas de biossegurança e buscando aprimorar a parceria com a Rivelli. A empresa,



Chioti: ao lado da esposa e com fé em Santa Rita de Cássia, empreendedor conseguiu o impossível. E hoje atua em granja-modelo com alta tecnologia

para isso, fornece aves, insumos, know-how e suporte tecnológico.

Com isso, o avicultor desenvolve o próprio negócio e aprimora a produção alimentícia do empreendimento que também surgiu em Barbacena em meados dos anos 80. A princípio, era um comércio de frangos em feira livre criado pelos irmãos Carlos e Márcio Nogueira Rivelli.

Atualmente, é uma das maiores produtoras de Bens de Consumo brasileiras, com vendas líquidas de U\$80 milhões só em 2016, segundo a *Revista Exame*; além de crescimento médio de 30% ao ano, exportando para mais de 40 países em cinco continentes.

O Sítio da Vó Maria integra essas estatísticas. Ali, as aves chegam com apenas um dia de nascidas e permanecem até pouco mais de 45 dias, quando alcançam cerca

de 3,5 quilos. Bem cuidadas com o apoio de sete colaboradores (que Chioti chama de “família”), elas compõem matéria-prima que colocam os resultados da granja em 153 pontos acima da média alcançada pelos parceiros da Rivelli.

Além disso, também há ali a produção de adubo orgânico, tratando os excrementos liberados pelas aves. Nesse processo, a última remessa do material somou 170 toneladas.

Não por outro motivo, um terceiro galpão já é sonhado por lá. “Vamos modernizar o segundo e levantar o terceiro, também com capacidade para 50 mil frangos. Não se trata de lucros, mas de amar o que fazemos e de saber que, com portas abertas, cuidamos uns dos outros. Sem isso, não passaríamos de mercenários no mercado. É essa a diferença”, filosofa Chioti.



Granja abriga, hoje, cerca de 90 mil aves. Mas já planeja crescimento e modernização que podem dobrar seu potencial



A cidade onde os **SINOS FALAM** e seu povo entende

Em São João del-Rei, avisos são codificados em badaladas, formando uma das tradições mais bonitas das Vertentes

Domingo, 13 de novembro de 2011. Entre 7h e 8h, um rapaz desce desesperado mais de 70 degraus em uma escada de pedra. Lá embaixo, tremendo e ameaçando chorar, deu a notícia à primeira pessoa confiável que encontrou: “O João Batista... meu Deus... o João Batista”. Ele estava ferido.

Quem contou o fato foi Paulo César Mendonça Nery, hoje com 25 anos. Estava falando sobre um velho conhecido da Igreja Nossa Senhora do Carmo, em São João del-Rei, desde 1913. Mas não era um homem. Era um sino. Por isso mesmo, Nery sentiu o coração apertar.

Não é para menos. No cantinho de Minas Gerais conhecido como “a Cidade Onde Os Sinos Falam”, uma rachadura de poucos milímetros, quase imperceptível para os mais desavisados, pode levar uma peça com pelo menos 200kg fundidos à aposentadoria.

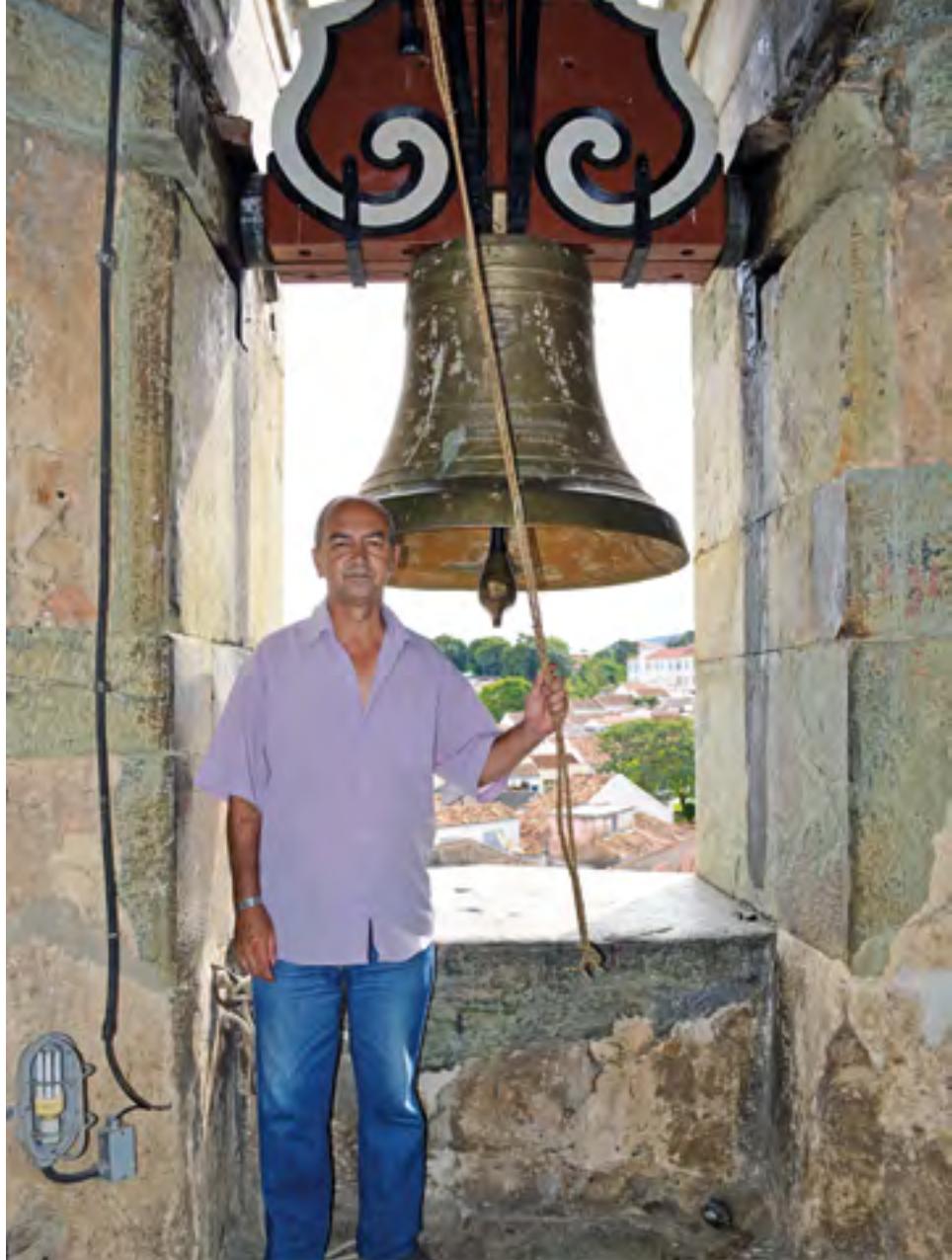
Hoje, os fatores históricos e sentimentais causam comoção em uma comunidade conectada e acostumada a interações que espalham notícias com rapidez.

Em 2012, quando João Batista desceu a torre para descansar, o Centro Histórico parou. No século XVIII, quando a tradição de comunicar fatos ganhou força e começou a se espalhar via badalos nas cidades mais tradicionais de Minas, algo assim poderia levar ao caos.

TRADIÇÃO

Em 2009 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) declarou a Linguagem do Toque dos Sinos, em Minas Gerais, um patrimônio nacional. No pacote de oficializações, estão incluídas práticas nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes. A referência primordial, porém, é São João del-Rei, de onde o pedido original saiu em 2001.

Um documento do Instituto Histórico e Geográfico (IHG) da cidade descreve a importância da prática nessa cidade. Para isso, aliás, cita nomes conhecidos em pesquisas históricas e relatos poéticos.



Nonô: quando o sino “adoece”, ele entende. “Quem ouve lá embaixo talvez não perceba. Para nós, é como uma rouquidão, uma voz desafinando, um pedido pra parar. Dói demais.

Um deles o dramaturgo e teatrólogo Jota Dangelo: “Os pés de hoje cobrem esses lajedos sem pensar que houve tempo em que se andava como se essas calçadas fossem brasas. Nos ovals das sineiras recordadas, os sinos silenciam suas bocas. Incorporaram ao bronze das bacias anúncios que fizeram de outros dias, coroações de reis, rainhas loucas, novenas e missas de agonia”.

O texto tem embasamento em costumes de pelo menos dois séculos atrás, quando a identidade das festas religiosas era marcada por duas características essenciais: o re-

pertório musical, com composições específicas para cada celebração do calendário; e os toques dos sinos. Os mais imponentes, aliás, foram dispostos principalmente nas igrejas barrocas, traduzindo de forma eloquente os acontecimentos da comunidade.

Conforme aponta um dossiê do Iphan, de chamados para as missas a nascimentos e mortes, tudo era noticiado pelo bronze nas torres e incorporado pela população. Entre esses extremos eram incluídos toques específicos para a ocorrência de partos complicados, de doentes





Paulo aprendeu a função numa mistura entre instinto, curiosidade, paixão e lições de Nonô: "Chamá-lo de guia é pouco. Foi um mestre. E muitos outros da minha geração prestam respeito a ele também", diz

em agonia, alertas para a hora do catecismo e até de incêndios. Tudo isso "de forma que os moradores da cidade pudessem se juntar, em oração, para chamar a intervenção divina".

COMO COMEÇOU

O musicólogo, pesquisador e escritor Aluizio Viegas faleceu em julho de 2015 deixando um legado vasto de entrevistas e artigos sobre a tradição sineira em São João del-Rei. Ao Iphan, explicou que no século XVI a Igreja Católica orientava clérigos a exercerem a função

de cingir os sinos. Com o passar do tempo, porém, o ofício passou à mão dos escravos, que entravam nos recintos barrocos apenas a trabalho (começando pela construção dos templos).

Atualmente, o quadro é outro. Na Cidade Onde Os Sinos Falam, "sineiro" é ofício associado a atividades de serviços gerais, com carteira assinada. Realidade recente, aliás.

Quando Paulo Nery, mencionado no início desta matéria, desceu a torre para avisar que um dos sinos havia rachado na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, encontrou com-

preensão principalmente naquele que considera seu grande mestre, Luís Roberto da Silva, o Nonô. Aos 59 anos, ele garante ainda sentir saudade dos tempos em que tocava os sinos no Centro Histórico. Mesmo que, nos anos 60 e em décadas adiante, não tenha contado com benefícios e proteções trabalhistas.

DESDE CRIANÇAS

Nery é pai de um garotinho de 6 anos. Há um tempo atrás, ouviu dele que queria ganhar um sino. Fundiu uma miniatura e presenteou o herdeiro, que faz questão de tocá-lo quando alguém chega em casa. "Ele já começa a demonstrar o mesmo amor que eu sinto. Fico feliz em saber que, talvez, ele vá continuar com a tradição. Não podemos deixá-la morrer", defende.

Silva ouve isso com orgulho. Entre 1969 e 1997, foi maestro dos sinos na Igreja do Carmo. Começou aos 12 anos, saiu adulto aos prantos. "Nasci e cresci nessa comunidade. Sempre me guiei pelos sinos pra acordar, dormir, sair para a escola, vir para a missa, saber o que estava acontecendo. Então, não houve honra maior do que ser chamado para ser sineiro", lembra.

E o convite não veio fácil. Apaixonado pelas tradições religiosas e católico praticante, Silva precisou de coragem para pedir ao então monsenhor na paróquia, José Maria Fernandes, para atuar na igreja. "Ele era muito durão. Gaguejei muito, tremi até o último fio de cabelo. Mas ele permitiu que eu começasse a ajudar aqui dentro, organizando. Fazia feliz porque sabia que um dia poderia subir à torre e aprender a tocar o sino com o Antônio Raimundo Apolinário, o Antônio Macumaco", lembra.

Décadas depois, viu Nery repetir a mesma cena, como aprendiz. Mas não foi a única. Quando encontrou o jovem preocupado com a rachadura de João Batista, se lembrou do que viveu em 1970.

Durante a Quaresma, o sino Eliseu, de 1823, parou de soar como antes. "Quem ouve lá em-

baixo talvez não perceba. Para nós, é como uma rouquidão, uma voz desafinando, um pedido pra parar. Dói demais. Eu estava sozinho, à noite, quando percebi que o Eliseu rachou só pelo ouvido”, conta emocionado.

Em São João del-Rei, os instrumentos de bronze ganham nomes não apenas em homenagem a quem os doa ou a padroeiros. Mas porque parecem ter alma.

HISTÓRIAS

Corre solto na cidade um caso em que, nos anos 1930, o sino Jerônimo foi preso, julgado e condenado por matar o sineiro que o tocava. Nessa história, conta a

tradição, uma procissão de Domingo de Ramos chegou à Igreja São Francisco em total silêncio. Os presentes estranharam, membros da irmandade correram para a torre e encontraram João Pilão morto, com uma fratura na cabeça. Se é verdade que o sino foi parar na cadeia ninguém sabe.

Silva, porém, lembra que acidentes podem acontecer. Ele próprio diz ter levado uma pancada no crânio que o fez desmaiar durante uma festa de Nossa Senhora das... Dores. Em outro momento, teve um dedo espremido pelo badalo. “Quando cheguei ao hospital o médico olhou para o ferimento e chutou na hora que havia sido coisa do sino. Até isso é muito específico”, ri.

Silva também tem seus causos. No entanto, garante que prefere guardar as lembranças boas colecionadas a 31 metros de altura. Uma delas envolvendo a substituição do sino que rachou em ofício, menos de cinco anos atrás. Na época, inclusive, outro instrumento já havia sido retirado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e era alvo de campanha para ser substituído e recolocado, através de doações. “O João Batista desceu em 2012. A igreja, então, permaneceu sem dois sinos. E foi como se tivessem arrancado uma parte de nós. Nessa época, porém, a Marina entrou em contato e se comprometeu a substituí-lo. A música voltou aos nossos ouvidos”, frisa.

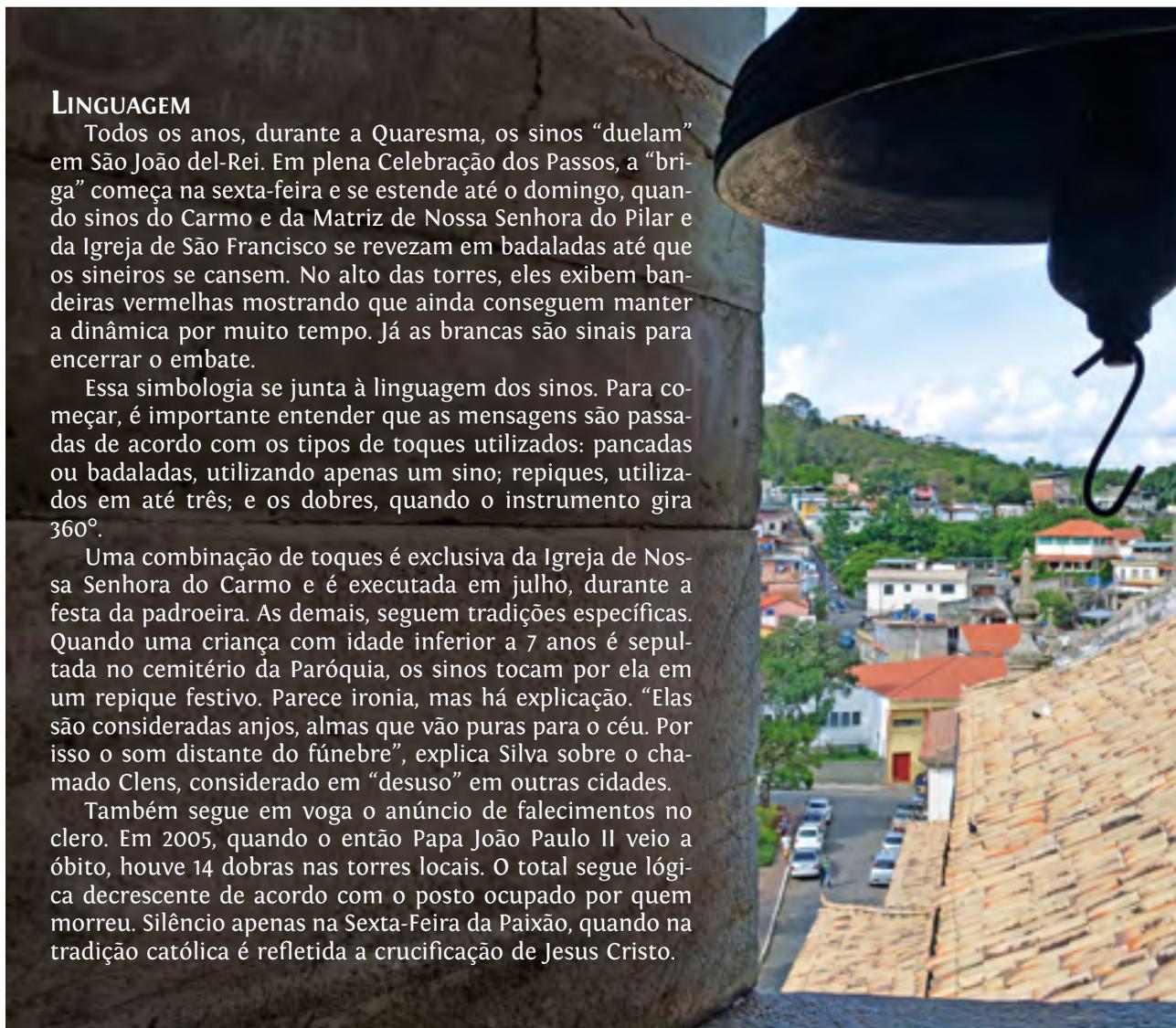
LINGUAGEM

Todos os anos, durante a Quaresma, os sinos “duelam” em São João del-Rei. Em plena Celebração dos Passos, a “briga” começa na sexta-feira e se estende até o domingo, quando sinos do Carmo e da Matriz de Nossa Senhora do Pilar e da Igreja de São Francisco se revezam em badaladas até que os sineiros se cansem. No alto das torres, eles exibem bandeiras vermelhas mostrando que ainda conseguem manter a dinâmica por muito tempo. Já as brancas são sinais para encerrar o embate.

Essa simbologia se junta à linguagem dos sinos. Para começar, é importante entender que as mensagens são passadas de acordo com os tipos de toques utilizados: pancadas ou badaladas, utilizando apenas um sino; repiques, utilizados em até três; e os dobres, quando o instrumento gira 360°.

Uma combinação de toques é exclusiva da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e é executada em julho, durante a festa da padroeira. As demais, seguem tradições específicas. Quando uma criança com idade inferior a 7 anos é sepultada no cemitério da Paróquia, os sinos tocam por ela em um repique festivo. Parece ironia, mas há explicação. “Elas são consideradas anjos, almas que vão puras para o céu. Por isso o som distante do fúnebre”, explica Silva sobre o chamado Clens, considerado em “desuso” em outras cidades.

Também segue em voga o anúncio de falecimentos no clero. Em 2005, quando o então Papa João Paulo II veio a óbito, houve 14 dobras nas torres locais. O total segue lógica decrescente de acordo com o posto ocupado por quem morreu. Silêncio apenas na Sexta-Feira da Paixão, quando na tradição católica é refletida a crucificação de Jesus Cristo.



Departamento de Controles Internos e Riscos

Dupla de profissionais. Trabalho múltiplo

Riscos. Na vida pessoal ou no mercado, está aí uma palavra inerente a decisões que todos tomamos. E que mesmo tão presente às nossas respostas ao “ser ou não ser”, causa calafrios. Há quem recue em situações arriscadas. Há quem siga em frente.

Hélder Resende e Uemerson Oliveira representam exatamente o meio-termo nesse cenário. O primeiro, com mais de 30 anos de experiência no universo financeiro, é agente; o segundo, há quase uma década atuando na área, é analista em uma das áreas de maior impacto na Credivertentes: o Departamento de Controles Internos e Riscos. Localizado em uma sala no terceiro andar do Centro Administrativo da cooperativa, o setor é maior do que realmente parece e transcende as pilhas de papel, com gráficos, registros e relatórios.

Além disso, o trabalho de um complementa o do outro, em uma via de mão dupla tão literal que, ao serem abordados para entre-

“

Toda essa atividade de monitoramento constante vai muito além do que você vê nesta sala. Costumo dizer que, na realidade, o Controle Interno acontece em todo lugar”

”

vista na *Vertentes Cultural*, Resende e Oliveira optaram por responder juntos a todas as perguntas.

Vertentes Cultural – *Como é, para vocês, lidar com um termo tão múltiplo – e para alguns, assustador – como “riscos”?*

Uemerson Oliveira – Bem como você mencionou, de fato, falar em “riscos” requer considerar um conjunto enorme de questões dentro do cotidiano financeiro. Só para citar alguns pontos, lidamos, mensuramos, analisamos e criamos aperfeiçoamentos para todas as rotinas que envolvem Risco Operacional, Risco de Liquidez e até mesmo Risco de imagem. No caso deste último, vamos usar como exemplo os cheques. Se uma agência se torna negligente na cessão de talões, desrespeitando critérios básicos para isso, a propensão a cheques devolvidos se torna grande. Nesse cenário, a imagem arranhada não é apenas de quem o assinou e repassou no mercado sem ter dinheiro em conta, mas da própria instituição caso situações assim se repitam várias vezes. Na prática, com o tempo, o comércio vai passar a duvidar da idoneidade da instituição financeira em si e, para evitar transtornos, recusar cheques vindos de lá. É aí que a imagem se prejudica. E



Uemerson Oliveira, analista do Departamento de Controle Interno e Riscos

é exatamente por isso que nossas atividades primam por trabalhos de base muito minuciosos...

Helder Resende – Tão minuciosos que envolvem questões operacionais aparentemente simples, mas de grande impacto, como o funcionamento de *nobreaks* (equipamentos que, entre outras funções, alimentam dispositivos elétricos através de uma bateria caso haja queda de luz). Se faltar esse aparelho em um Ponto de Atendimento (PA), ele se submete ao risco de paralisia operacional, já que o fornecimento de eletricidade pode desaparecer em um momento ou outro. As consequências disso acabam sendo grandes. São elas que queremos evitar ao máximo possível. Fácil não é, falando

assim. Por outro lado, há todo um suporte por trás daquilo que fazemos. Isso envolve desde normas, regulamentações e comunicados tanto do Banco Central quanto do Sicoob e da Central Crediminas; a treinamentos e capacitações constantes proporcionados pela cooperativa.

Vertentes Cultural – *Então, podemos dizer que os Controles Internos e de Riscos acontecem em várias esferas, com participação coletiva?*

Helder Resende – Sim. Na realidade, há uma relação estreita entre os Controles Externos, que vêm das instituições acima de nós, e o que realizamos no Interno. Aqui, na Credi, estamos ligados diretamente ao Conselho de

Administração, assim como auxiliamos os demais conselhos. Ao mesmo tempo, atuamos junto a cada um dos 16 PAs, para otimizarmos juntos os serviços prestados aos associados, verdadeiros donos da cooperativa. Esse fator de união, aliás, merece destaque. Uemerson e eu não realizamos absolutamente nada sozinhos.

Toda essa atividade de monitoramento constante, diagnóstico e ações preventivas vai muito além do que você vê nesta sala. Costumo dizer que, na realidade, o Controle Interno acontece em todo lugar. Num caixa de agência, por exemplo, se alguém vai pagar um cheque, precisa verificar se há assinatura, se o numeral escrito bate com a escrita em extenso, etc. Isso já é um controle e faz toda a diferença para a sustentabilidade da cooperativa. Aliás, nossa palavra-chave é exatamente *cooperação*.

Uemerson Oliveira – Até porque, nos baseamos em uma cultura de apoio mútuo em busca do bem maior. Tudo isso com foco na melhoria de processos. Um bom profissional aliado a ações eficientes, leva a resultados acima das expectativas para nós e para os associados.

E exceto no caso das determinações legais e institucionais, que precisam ser seguidas à risca, rotinas operacionais de um Ponto de Atendimento podem inspirar as de outro. Forma-se um ciclo em que cada um mostra seu melhor e permite-se um intercâmbio extremamente positivo.

Vertentes Cultural – *É interessante mencionarem isso porque deixa claro o cuidado individualizado da Credi com relação a cada um dos Pontos de Atendimento. Algo que se torna mais complexo na medida em que a cooperativa segue crescendo. A expectativa, por exemplo, é de que de novos PAs sejam abertos em breve em Piedade do Rio Grande e Senhora dos Remédios. Como conciliar esse avanço à complexidade dos Controles Inter-*

nos e das características próprias em cada comunidade?

Uemerson Oliveira – Há uma cadeia de peças que se encaixam para isso funcionar. Primeiramente, importante lembrar que a Credivertentes não é um banco, mas é uma instituição financeira regulamentada pelo Banco Central. Portanto, responde a ele ao mesmo tempo em que também é ancorada pelo Sicoob e pela Central Crediminas. Todos funcionando em consonância.

Dentro da cooperativa em si, também existe essa lógica entre o Centro Administrativo e os Pontos de Atendimento. Sempre respeitando individualidades. Exatamente por isso é importante que visitemos cada agência e possamos vivenciar, lá, o cotidiano operacional. Isso acontece uma vez ao ano em cada PA, com duração de uma semana inteira antecipada por outra de levantamentos. Ao todo, verificamos 95 questões estruturadas e as informações dessas análises se transformam em relatórios e gráficos com diagnósticos para serem trabalhados em conjunto. Tudo buscando otimização.

Helder Resende – Esse processo é altamente dinâmico não só pelas informações que são coletadas e mudam o tempo todo, como também pelas transformações em legislações em que nos pautamos. O crescimento da cooperativa, que você mencionou, também influencia. Quando cheguei à Credi, atuava sozinho.

Com a expansão dela, o Uemerson veio agregar. Além de cuidar dos PAs e auxiliar os conselhos, os Controles Internos prestam contas, dá suportes a auditorias, é fiscalizado. Nosso monitoramento, portanto, é diário. Sempre considerando as demandas e especificidades de todos os agentes envolvidos, incluindo os próprios associados.

Vertentes Cultural – *É aí que entra a Ouvidoria?*

Uemerson Oliveira – Sim. Também somos responsáveis pelo atendimento às demandas recebi-



Helder Resende, agente do Departamento de Controle Interno e Riscos

das nesse canal, que atende à Resolução 3.477 do Banco Central. O objetivo é assegurar a observância de todas as normas relativas aos Direito do Consumidor. Mas ao mesmo tempo, a Ouvidoria se torna uma fonte de comunicação entre a cooperativa e seus públicos, sempre de forma gratuita. Não se trata de um “canal de problemas”. É, antes, direcionamento para melhor conhecermos nossos associados/usuários e oportunidade de crescimento e melhoramento amplo de qualidade.

Vertentes Cultural – *Em vários momentos da conversa vocês mencionaram grande respeito às questões legais. Sabe-se que nos anos 80, quando a Credivertentes surgiu, as*

regulamentações ainda beneficiavam o sistema bancário tradicional, em detrimento do cooperativista. Uma mudança gritante...

Helder Resende – Se antes havia essa perspectiva, hoje ela é inversa. Felizmente. Não quer dizer que as leis sejam fáceis ou brandas. No entanto, também não enxergamos as regulamentações dentro de uma cultura de repressão. Interpretamos que, na realidade, a quantidade e a força das normas aumenta na medida em que a importância das cooperativas também cresce no sistema financeiro nacional. E todos nós, aqui e nos Pontos de Atendimento, seguimos todas elas à risca para que a cooperativa siga sólida e sustentável.



Tudo diferente no universo cibernético da Credivertentes: a maior cooperativa da região ganhou site com novo estilo, novas editorias e muito mais conteúdo.

www.credivertentes.com.br





Cooperar TODO DIA Ser melhor TODA HORA

Fevereiro de 2016. Quase metade do primeiro trimestre. Ainda assim, em Ritópolis, Rosângela de Oliveira Santos continuava falando sobre... o Natal. Isso porque ela é presidente do Grupo de Convivência Viver Vale a Pena, entida-

de que recebeu, dois meses antes, uma visita especial de colaboradores da Credivertentes.

A passagem pela instituição, recheada de brindes, quitutes, abraços e sorrisos, fazia parte do *Natal Solidário*, promovido pela coope-

rativa desde 2010. Deixou marcas por lá e inspirou uma carta enviada à sede no dia 19 de fevereiro. “Mesmo um pouco atrasada estou aqui, mais uma vez, para deixar meu agradecimento e dos integrantes do Grupo de Convivência



a esta cooperativa, que através do *Natal Solidário* contribuiu para que o nosso fosse ainda mais animado e feliz”, disse Rosângela na correspondência.

O “atraso” que ela menciona veio a calhar. Foi um sinal de que as ações da Credivertentes rendiam resultados importantes, levavam noções de cooperativismo e humanismo ao pé-da-letra e, acima de tudo, tinham apoio para continuar em 2016.

Algo que de fato aconteceu. A Credi fechou o ano somando 24 ações. O equivalente a duas por mês, uma a cada 15 dias. E o melhor: todas elas com benefícios, repercussões e extensões ainda perceptíveis em logo prazo. De Cultura a Ciência, passando por Agropecuária, Saúde e Esporte, não faltaram atividades mobilizadoras.

NATAL SOLIDÁRIO

A atividade mais recente aconteceu em dezembro, quando 16 equipes organizaram ações específicas em cada um dos municípios abrangidos pela Credivertentes. Em mobilizações, surpresas e doações, cada Ponto de Atendimento selecionou uma entidade ou grupo para ser assistido.

O resultado dessa soma de esforços e da multiplicação de afeto foi chegar à 7ª edição do *Natal Solidário* auxiliando mais de 500 pessoas em aproximadamente 20 entidades ou famílias. Sim, famílias.

Foi o caso de Mercês de Água Limpa, onde pais e filhos foram acolhidos e tiveram alguns sonhos de Natal realizados. Além de uma ceia especial preparada para os membros da casa, foram montadas cestas básicas e dado total apoio para a solução de impasses envolvendo cadastramentos e documentos. Assim, houve solidariedade, cidadania e, como classificou o gerente da agência local, “um choque de realidade”. “É difícil acreditar que tão perto de nós ainda existem pessoas com tão pouco. Que às vezes falta até

o que comer. Mais difícil ainda é perceber que nem sempre conseguimos enxergar essas questões”, desabafou Milton César Silveira.

A quilômetros dali, em São Tiago, a escolha foi pelo Oratório Coração de Jesus, entidade que atende mais de cem crianças. No poliesportivo do município, baixinhos e seus familiares foram recebidos com dois carrinhos de pipoca, mais de 750 cachorros quentes, 300 sacolinhas surpresas, centenas de brinquedos, algodão doce e brincadeiras. “Nós doamos mimos e eles retribuem com olhares brilhantes, sorrisos verdadeiros. Não há presente de Natal mais bonito e transformador”, comentou a Palhacinha Túlia antes de ganhar um abraço caloroso vindo de uma garotinha.

DIA C

A atividade acabou se transformando, assim, em um “mini” *Dia de Cooperar (Dia C)* nos moldes

como primeira assistida do novo projeto, agora com oito edições, cerca de 11 mil pessoas atendidas e milhares de voluntários.

No Dia C mais recente foram arrecadados mais de 3 mil litros de leite para a entidade junto aos cooperados. Além disso, um carro 0km foi doado para a realização de visitas domiciliares. Em campanha interna entre colaboradores, um ano de seguro do veículo também foi garantido à Asapac.

GQC E BALDE CHEIO

Um ano após adotar o sistema de Fazenda Modelo, o Programa *Gestão de Qualidade no Campo (GQC)* voltou a São Tiago, onde tudo começou em 2008. O desembarque na cidade-sede da Credivertentes coincidiu com o aniversário de 30 anos da cooperativa e deu ao projeto realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) novas estatísticas: ao todo, até aqui, 200



Cooperativa arrecadou mais de 3 mil litros de leite em prol da Asapac

tradicionais. Isso porque em 2016 ele mudou: de horas de lazer e serviços sociais a um mutirão intenso em prol de uma entidade que faça o bem pra toda a região. Daí a escolha da Associação de Amparo a Pacientes com Câncer (Asapac)

pessoas representando cem empreendimentos rurais de toda a região já passaram pela ação de aprimoramento administrativo, transformando propriedades em empresas rurais.

Todos esses números se so-



Ano também se destacou por congregar homens e mulheres do campo

mam aos resultados alcançados, ainda, pelo *Balde Cheio*, que chegou ao Campo das Vertentes a partir da união entre Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e a Credi.

Atualmente, 27 ruralistas são acompanhados por um técnico-consultor. Nessa dinâmica, são capacitados sobre tecnologias e estratégias sustentáveis de aprimoramento da produção leiteira. O resultado? O desenvolvimento de propriedades familiares com posicionamento competitivo no mercado e o reconhecimento de produtores como empreendedores no campo.

DE PORTAS SEMPRE ABERTAS

O tópico acima trouxe à baila duas pautas importantes na lista de atividades sociais em 2016. Uma delas envolvendo memória e cultura. Ao comemorar três décadas de existência, a Crediverentes lançou um livro próprio, o *De portas sempre abertas*. Com 200 páginas, a obra narra a saga da cooperativa de crédito enquanto conta, ainda, trajetórias inspiradoras de aproximadamente 150 entrevistados, entre colaboradores e associados.

Mais do que uma biografia

institucional construída em um ano de entrevistas, pesquisas e redação, o impresso corresponde ao primeiro volume da *Coleção Vertentes Cultural*, que terá desdobramentos a partir de 2017, resgatando ensaios históricos de personalidades da região.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Produtividade, avanço, estabilidade mercadológica e empreendedorismo andam de mãos dadas com a tecnologia. Principalmente no campo. Exatamente por isso, além de promover crédito e aperfeiçoamento profissional a ruralistas de toda a região, a Crediverentes incentiva e patrocina ações de cunho científico.

Em uma ação, firmou parceria com o Centro de Extensão da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais. Tudo para a promoção e realização de Aulas Práticas Integradas de Campo (APIC). A cooperativa também se associou ao Seminário de Programa de Melhoria da Qualidade Genética do Rebanho Bovino de Minas Gerais (Pró-Genética), realizado em junho no município de Itutinga.

O evento foi iniciativa da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ).

SAÚDE

Mais de cem pessoas movimentaram o feriado de 12 de outubro em Resende Costa. Em pleno dia de descanso, elas disseram “sim” a um convite da Credi e compareceram ao seminário *Saúde da Mulher*. O encontro incidiu luz, especialmente, sobre a pauta do Câncer de Mama, que ganhou destaque na campanha mundial Outubro Rosa.

A enfermeira Aline Santos foi a porta-voz da nossa instituição sobre o assunto e explicou todos os detalhes sobre a doença que corresponde ao tipo mais comum entre pessoas do sexo feminino de todo o planeta. Além disso, ela vitima fatalmente mais de 14 mil pacientes todos os anos e, apesar das ocorrências raras, também pode ser diagnosticada em homens.

Na oportunidade, que contou com café especial de confraternização (e cardápio super saudável, aliás), o gerente do PA em Resende Costa, Alessandro Caldeira, também lembrou a importância do cooperativismo enquanto comemorava o sucesso do evento representando exatamente a filosofia-base da Crediverentes: a união de membros da comunidade em prol do desenvolvimento e do bem-estar coletivo. E isso tem tudo a ver com saúde, certo?

RELATÓRIO SOCIAL

Um balanço completo das atividades promovidas em 2016 será lançado em fevereiro de 2017, em versão online e impressa, no *Relatório Social* da Crediverentes. “É importante registrarmos tudo isso e apresentarmos de forma organizada ao associado. Dessa forma não apenas agradecemos pelo apoio dele como também pontuamos que, enquanto verdadeiro dono da cooperativa, ele patrocina esses movimentos em prol de 16 comunidades e, claro, faz a diferença”, explica a coordenadora de Comunicação e Marketing na Credi, Elisa Coelho.



Era uma vez... uma biblioteca no Cerrado

De livros presenteados a obras emprestadas ou lidas publicamente. De guarda-roupas a guarda-literatura. De 500 impressos a 6,5 mil títulos. De Biblioteca Comunitária DO Cerrado a Biblioteca Comunitária NO Cerrado.

A história do espaço cultural e social em São Tiago tem pouco mais de um ano e meio. Mas transformações, reviravoltas, desventuras e ajustes suficientes para encher as páginas de um livro inteiro. Nada mais justo. E nada de excessos ao tratar o enredo assim.

Aliás, é importante dizer que ele conta com um autor principal, Diogo Fernando da Silva, de 26 anos.

Mas foi co-escrito por centenas de outras mãos solidárias que, juntas, colaboraram para o desenrolar de vários capítulos – entre felizes, trágicos e surpreendentes.

CAPÍTULO I

COMEÇOU ASSIM

Naquele dia, que parecia ser como qualquer outro em dezembro de 2014, um pacato rapaz traçou, mais uma vez, um caminho que conhecia bem: o que ligava sua casa, no Cerrado, a uma biblioteca pública de São Tiago, a ci-

dade com nome santo, mas cheia de tentações culinárias. Algo para ser contato em outra história.

Nesta, vale frisar, o foco deve ficar mesmo em Diogo Silva, o honesto trabalhador representante de uma marca de cosméticos que, nas horas vagas, ocupava a cabeça com leitura. E foi exatamente por isso que, ao terminar mais um título, se preparou para trocá-lo.

Desta vez, porém, não o fez sozinho. Decidiu levar consigo o irmão mais novo, João, então com 5 anos; e uma sobrinha, de 7. Enquanto escolhia um livro novo para a semana, Diogo reparou que os pequenos também se encantaram por algumas brochuras e que se divertiam. A menina lendo páginas coloridas; o menino inventando histórias para as figuras que passavam à frente dos olhos.

A cena rendeu uma foto, foi parar em uma rede social e levou uma mulher, em São João del-Rei, a enviar uma mensagem. No texto, perguntava se Diogo não se interessava em levar para casa alguns livros dos quais gostaria de desapegar. Para isso, bastava busca-los na cidade vizinha.

O rapaz aceitou de bom grado e contou com a ajuda de uma irmã mais velha, Cristina, que se

prontificou a transportar as doações. Não imaginava, porém, que fossem tão imensas: ao invés de alguns poucos volumes, se viu diante de nada menos que 500 obras impressas sendo descarregadas de um carro.

Veio aí a pergunta: “o que fazer com tanto?”. E uma resposta: “Dividir com o próximo”.

CAPÍTULO II

A SAGA DOS BONS CORAÇÕES

O primeiro receio de Silva foi a reação dos pais ao ver tantas caixas ocupando espaço em casa. Ao contrário, porém, recebeu ajuda para guarda-las e conselhos de Cristina, sugerindo que criasse um projeto social com eles.

A ideia se encaixou a uma vontade pessoal do jovem são-tiaguense, de multiplicar cultura. “Foi aí que decidi criar um projeto. Mas não queria fazer isso sozinho nem de qualquer jeito. Eu tinha em mente que não bastava abrir uma porta. Queria objetivos, entender todos os procedimentos, saber como agir, com quem contar. Então marquei uma reunião com representantes de diferentes áreas que eu conhecia e fiz uma série de perguntas”, lembra.



O encontro foi uma mistura de frustração e esperança. Frustração ao descobrir toda a burocracia envolvida para abrir uma ONG e contar com apoio do Poder Público. Esperança ao começar a pensar sobre como fazer a diferença.

CAPÍTULO III

VAMOS ADIANTAR O FINAL FELIZ

Deu certo queimar os neurônios e vasculhar possibilidades. Hoje já é realidade a Biblioteca Comunitária NO Cerrado (isso mesmo, “no”, já que se localiza no bairro, mas permite adesão de qualquer leitor, de qualquer comunidade), improvisada em três pequenos cômodos na casa de Diogo e organizada em prateleiras alternativas.

Aberto pela primeira vez em 1º de junho de 2015, o espaço conta atualmente com mais de 155 cadastrados com idades entre 6 e 80 anos. Todos têm direito a pegar livros de diferentes estilos gratuitamente e levar para casa, lendo em até uma semana. Se for preciso, podem renovar o empréstimo. Nem mesmo para cadastro é cobrada uma taxa.

E as opções de leitura são vastas. A Biblioteca Comunitária disponibiliza agora cerca de 6,5 mil títulos, incluindo de Literatura infantil a adulta; enciclopédias; volumes escolares; revistas; jornais, HQs. Tudo isso além de computador com conexão à internet para pesquisas.

CAPÍTULO IV

TODA AJUDA É BEM-VINDA

O primeiro sinal de “conta comigo” veio da própria mãe de Diogo, a salgadeira Mônica Caputo, de 50 anos. Em um cômodo anexo à casa onde morava, planejava criar um negócio próprio. Abriu mão dele para que o filho implantasse a biblioteca naqueles 15m². Tudo com apoio do marido, Valter, que cedeu um guarda-roupa antigo para transformá-lo em prateleira.

Uma gaveta, aliás, continua exercendo essa função na biblioteca, assim como caixas de madeira entre estantes cuidadas e caprichosamente construídas à mão. Todas sobreviventes de uma forte chuva que, no final do ano passado, ameaçou o local.

“Cheguei a chorar quando vi a água entrando e molhando tudo. Mas graças a Deus fizemos um pequeno mutirão e conseguimos salvar os livros”, lembra Dona Mônica. Houve ainda outro alento.



Diogo encontrou uma paixão, entretenimento e foco social nos livros

Dias depois, um homem que pediu para não ser identificado surgiu à porta do espaço cultural. Disse que queria ajudar e perguntou quais as demandas do lugar. Daí se juntou a amigos, doou telhas para fortalecer a cobertura da biblioteca e, de quebra, fez com que as obras inspirassem Diogo a aumentá-la com outros dois cômodos.

Isso porque as doações de livros nunca pararam de chegar. E os leitores não pararam de se multiplicar.

CAPÍTULO V

CRESCER, CRESCER, ENTRETER

Não bastou abrir as portas de uma biblioteca com milhares de

títulos. Foi preciso levá-los, mesmo que aos pouquinhos, para outros cantos. Do Cerrado, as obras partem aos domingos para o Albergue São Francisco de Assis, onde Diogo, alguns amigos e até mesmo o irmãozinho, João, fazem companhia a idosos e partilham leituras. “Muito me impressionou a história de uma senhora com Alzheimer. Uma vez, pesquisando, descobri que quem sofre com a doença tem dificuldades para ler. E é incrível como ela realmente esquece nomes e rostos, mas escolhe livros, realmente apreende o que está ali e conta para os outros”, comemora o rapaz.

Outras facetas do projeto envolvem levar obras para praças, onde interessados podem pegá-las emprestado; e a residências com leitores que não podem se locomover. Isso sem falar em contações de história com direito a pipoca e muita diversão na própria Biblioteca no Cerrado.

CAPÍTULO VI

FUNIONAMENTO

Diogo atua no almoxarifado de uma padaria local e, para descansar – sim, acredite! – cuida da biblioteca, que funciona de segunda a sexta, entre 18h30 e 21h30.

Nesse período, não faltam leitores ávidos por novas páginas. Algo de que o próprio idealizador do espaço chegou a duvidar pouco mais de um ano atrás. “Quando começamos, ninguém além de primos e amigos veio aqui. Só no terceiro dia uma criança, a Cauara, hoje com 7 anos, apareceu. Depois dela a informação foi crescendo, chegou às rádios e trouxe mais visitantes”, lembra rindo o jovem que sonha, também, em um dia publicar o próprio livro.

Observador de tudo à sua volta, Diogo usa um bloco de anotações para escrever impressões e ideias ao longo do dia. Todas, garante, o inspiram de alguma forma. E transformam também. Assim como o projeto que desenvolveu quase ao acaso.

O SABOR inconfundível do inusitado

*Educadora transforma tempero familiar
em negócio e ousa ao oferecer linguiças
típicas com recheios variados*





Quando em meados de 2014 ouviu falar em “crise econômica” no país, a educadora Maria Auxiliadora Lara Silva, 51 anos, não se assustou. Para ela, conhecida popularmente como Dorinha, nenhuma recessão ou turbulência foi tão intensa quanto a que viveu pessoalmente em 1999.

Mas foi naquele mesmo ano que o aperto se transformou em sucesso. E o talento na cozinha, herdado da mãe, se converteu em fonte de empreendedorismo. Hoje, Dorinha e um dos filhos, Lucas, cuidam da Casa de Linguíça & Cia, aberta em 2013. Na Terra do Café Com Biscoito, mais de 15 variedades de linguiças recheadas oferecem uma nova possibilidade da gastronomia mineira e atraem consumidores de todo o Estado.

Gente de diferentes cantos do mapa peregrina até São Tiago para experimentar as iguarias criadas por Maria Auxiliadora

O QUE FAZER?

A empreendedora brinca com o início da própria história no mercado. “Eu queria dizer a você que tudo começou depois de muito analisar, com um plano de negócios e todas aquelas coisas. Mas a verdade é que nossa história começou a ser escrita ao acaso mesmo”, ri.

O que a diretora escolar esquece de acrescentar é que, se a princípio as coisas funcionaram “por sorte”, hoje elas são sinônimo de ousadia e estabilidade graças à perseverança. E à multiplicação de recursos.

Há cerca de 17 anos, Dorinha era uma dona de casa e educadora com um dilema: aumentar a renda enquanto driblava ironias complicadas. “Meu marido viajava muito e, num desses momentos de andanças, alguém quitou uma dívida antiga com ele. No entan-

to, ela não foi paga com dinheiro. Recebemos, na realidade, dois porcos”, lembra.

Ou seja: ao invés de recursos financeiros, os animais significavam, em curto prazo, mais gastos da família, que precisava alimentá-los. O impulso inicial foi tentar vendê-los, oferecendo ambos a açougueiros locais. De lado a outro, porém, Dorinha só ouviu “nãos”.

O BOM NEGÓCIO

Sair das negativas de 1999 para chegar à sucessão de “sim” e “hmmm” a partir de 2013, quando abriu o próprio negócio com os filhos Lucas e Fernanda, não foi fácil. É fato, porém, que a Casa de Linguíça & Cia encarna um exemplo típico de empreendedorismo do Campo das Vertentes, mesclando potencialidades regionais com tradição e ousadia. Em ou-

tras palavras, um item comum na cozinha local, a linguiça, ganhou adendos extraordinários e conquistou adeptos em municípios cheios de afeição ao bom sabor mineiro.

E dá-lhe opções, oferecendo ao consumidor linguiças de porco e frango recheadas com opções de dar água na boca, como provolone e ervas; a complementos no mínimo inusitados, como jiló, mandioca e até angu.

Aliás, para quem não se satisfaz com apenas um recheio, a linguiça À Moda da Casa é um combo de maravilhas, contendo queijos, pimentas, folhas verdes, bacon e pimenta. “Pode parecer uma mistura sem sentido, mas com tanta coisa boa era impossível dar errado”, explica Lucas Silva, herdeiro de Dorinha que administra o negócio da família.

Tem razão, inclusive. As combinações convencionais e extra-





Bacon, provolone, jiló, ervas, pimenta, mandioca e até angu: linguiças tradicionais viram iguarias com recheios criativos

vagantes agradaram tantos paladares e deram tão certo que, em média, 300kg das iguarias são comercializados por semana. Tanto para moradores de São Tiago quanto para degustadores inclusive da capital, Belo Horizonte. “As pessoas aparecem aqui vindas de diferentes cantos e dizem que de alguma forma ouviram falar de nós. Ficamos felizes, mas ao mesmo tempo assustados por não entendermos, ainda, a proporção da Casa”, explica sua idealizadora.

São dela as receitas criadas a partir da experimentação sem medo e da paixão por um costume culinário: o tempero com a assinatura da mãe, Dona Hermínia. Algo que ela não revela de forma alguma e se manifesta em outros produtos disponíveis no mercado, como almôndegas especiais e outros tipos de carnes mais comuns.

DA MATRIARCA PARA O FILHO

Com a Casa da Linguiça & Cia funcionando a todo vapor, Dorinha deixou o negócio nas mãos do caçula Lucas e um colaborador,

Alisson, a quem chama de “braço direito e esquerdo”. A filha mais velha, Fernanda, que também foi base para que o empreendimento começasse efetivamente em 2013, seguiu outros rumos.

Enquanto isso, a matriarca foi dar seu melhor a outra paixão, o ensino. Hoje, ela se dedica exclusivamente à diretoria escolar na Afonso Pena, com 1,2 mil alunos e aproximadamente 80 colaboradores. Nos negócios, apenas supervisiona as ações do filho. Ainda assim, diz, por costume: “Ele é um empresário nato em quem confio plenamente. Dou opiniões porque sou mãe e me acostumei com a movimentação toda. Acho que é uma questão de apego e hiperatividade”, brinca Dorinha.

Essa hiperatividade irresistível, aliás, a leva todos os finais de semana, para a cozinha. Aos domingos, o estabelecimento faz jus ao termo “& Cia” no nome e comercializa almôndega ou carne assada, além do típico torresminho e de frango recheado. Tudo preparado com capricho e em cardápio que deve aumentar.

IMPROVISOS E TROCAS

A tranquilidade atual contrasta muito com o começo de quase improvisação. Em 1999, Dorinha reclamou dos porcos como pagamento de dívida num primeiro momento. Após uma conversa com a mãe, Hermínia, abençoou a ideia. “Ela morava na Zona Rural e sugeriu que vendêssemos a carne, então. Como linguiça. Pedi ajuda a um motoqueiro para que me levasse à beira da rodovia porque, na realidade, ele não era habilitado. Caminhei muito, mas no fim do dia tínhamos um varal com várias tiras sendo defumadas”, recorda.

O sabor delas, frisa, foi inconfundível. Bastou preparar e experimentar um pedaço para saber que logo logo tudo seria vendido. E foi. Algo que não surpreendeu, mas significou uma mudança de vida. “Lembro até hoje das duas primeiras clientes que me procuraram e daquele pensamento de ‘vou investir nisso’. Senti muita gratidão misturada com esperança naquele dia”, acrescenta



Dorinha.

Dali em diante, a Casa de Linguiça & Cia começou a se desenhar e se tornou realidade há cerca de quatro anos atrás. Aliás, da mesma forma que um dia dois porcos foram usados como pagamento de um débito, alguns cavalos da família foram trocados por balcões.

Pouco depois, com os primeiros rendimentos, o funil improvisado foi substituído por uma máquina própria para encher e rechear os gomos de carne. “Sempre vivemos um dia de cada

vez. O tempo todo buscamos alternativas e soluções. Estamos bem atualmente, mas sempre contornando desafios. Hoje um ponto delicado é o capital de giro. Amanhã será a construção da nossa própria sede e a criação de porcos nossos. Por enquanto, contamos com fornecedores. E são excelentes”, frisa.

ROTINA E SONHOS

A preparação das linguiças acontece a semana inteira, a partir de 7h, e segue ao longo do dia de

acordo com as demandas. “Já trabalhamos sem parar até 22h. Fácil não é, mas fazemos com amor. E essa é a diferença”, comenta o jovem Lucas, que trabalha com uma filosofia: fazer do alimento não apenas uma fonte nutricional, mas um prazer.

Dorinha também acredita nisso e já planeja estreitar a parceria com o herdeiro. “Devo me aposentar em breve. E com certeza não vou conseguir ficar parada (risos). Então quero voltar a ajudar no que puder, pra nossa história crescer”, encerra.



De casa: mãe idealizou negócio que, hoje, é gerenciado pelo filho

SEGURO DE VIDA SICOOB:
TRANQUILIDADE EM
TODOS OS MOMENTOS!



 **SICOOB**
Credivertentes

Para outras informações visite o site
www.sicoob.com.br ou
fale com o seu gerente

São João del-Rei... do Baião

Memória

A passagem - e
a saudade - de
Luiz Gonzaga
pelo Campo das
Vertentes



A Monarquia já não existia no Brasil em meados dos anos 30. Mas é fato: um rei passou pelo Campo das Vertentes. Na realidade, o Rei do Baião. Muito antes de ser imortalizado como o sanfoneiro apaixonado por seu Nordeste, cantando as agruras da seca, da vida e do amor, Luiz Gonzaga, o Gonzagão, desembarcou por essas bandas.

E daqui também levou inspiração para suas canções. O mesmo artista emblemático que prestou reverência à terra natal, Exu (PE), em *Luar do Sertão* e *Asa Branca*, registrou a falta de outro canto interiorano: São João del-Rei (SJDR), onde residiu nos anos 30 como militar do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha - Regimento Tiradentes.

A HOMENAGEM

Em 2012, ano em que foi celebrado o centenário de Gonzagão, o cantor e compositor Fagner falou sobre ele em plenária do Senado: “Gonzagão botou o Nordeste no mapa do Brasil”. Não há por que discordar da afirmação. Mas é possível complementá-la: Luiz Gonzaga trouxe à baila, ainda, o interior mineiro. Se nas páginas da História não faltavam referência a esta parte do país, havia uma lacuna na música.

E ela foi preenchida em 1941 com *Saudades de São João del-Rei*. A homenagem foi registrada no primeiro disco de 78 rotações lançado por Gonzagão. À época, lembra Almir Chediak no volume II de um *Songbook* dedicado ao Rei do Baião, ele se lançava apenas como instrumentista. Sua voz passou a ser ouvida apenas a partir de 1945.

Cantando ou não, fato é que a carreira do nordestino culminou

em mais de 260 discos ultrapassando 620 músicas gravadas. A primeira delas, aliás, após mostrar *Saudades de São João del-Rei* a Ernesto Matos, diretor artístico da RCA.

A PARTIDA

Reza a lenda que Luiz Gonzaga saiu de Exu em fuga. Relatos biográficos comuns apontam que, ainda adolescente, enfrentou um coronel da cidade que, aliás, era pai de uma moça com quem queria se casar. Em entrevista, chegou a dizer: “Eu quis casar muito cedo, em 1930, aos 18 anos incompletos. E ele disse que eu era um tocadorzinho de m****, que eu não tinha futuro nenhum para sustentar a filha de um homem. Achei aquilo um desaforo. Moleque, raçudo, porque o pirão que mamãe fazia nos dava essa condição de ter bom físico, cisme de ameaçar a vida do homem”, narrou.

A ousadia rendeu não apenas revolta do nobre que queria como sogro, mas também uma surra do pai e da mãe. Encrençado, perseguido e com ego ferido aos 17 anos, Gonzaga acabou se alistando no Exército, em Crato (CE), seguindo carreira comum aos jovens pouco instruídos e sem grandes perspectivas à época. Aliás, mentiu a ida para conseguir a façanha.

E foi além: filho de um sanfoneiro, o agora Cabo Pernambuco queria tentar a sorte na Música e assim o fez. Dominique Dreyfus conta, em *A saga de Luiz Gonzaga*, que ele prestou concurso para ser corneteiro do batalhão em que havia se inscrito e foi aprovado. A partir dali, desenvolveu algumas noções de harmonia e, talentoso, foi elevado a corneteiro de 1ª classe em janeiro de 1933.

Naquela época, descreve Regina Echeverria em *Gonzagão e Gonzaguinha*, já ostentava o apelido de Bico de Aço e outra experiência: a Revolução de 1932, também conhecida como Guerra Paulista, que tinha como objetivo depor o governo provisório de Getúlio Vargas para, então, convocar Assembleia Nacional Constituinte.

Começaram, assim, as andanças de Gonzaga, também enviado ao Mato Grosso para guardar as fronteiras nacionais durante a Guerra do Chaco, conflito armado entre a Bolívia e o Paraguai.

Eis que de lá desembarcou em Juiz de Fora e foi nomeado Fiscal do Batalhão. Foi aí que organizou uma banda e conseguiu, junto ao Exército, instrumentos novos. Pouco depois, porém, enfrentou um revés. Ao se apresentar com uma sanfona ao comandante, ouviu dele que queria um Mi Bemol. Luiz Gonzaga não fazia ideia do que se tratava e se desiludiu. Queria provar que sabia tocar, mesmo sendo alheio a conceitos musicais.

A CHEGADA

Quase ao mesmo tempo, outro baque e mais uma confusão. Mulherengo confesso e cheio de lábia, prometeu noivados (sim, no plural) a várias mulheres em Juiz de Fora. O resultado? Mais ira contra o rapaz, que dali partiu para São João del-Rei e passou a integrar o 11º Batalhão.

Não ficou muito tempo no Campo das Vertentes. Mas deixou histórias. Muitas lembradas e desenterradas graças à internet. Em janeiro de 2016, o radialista Luciano Nascimento lançou, em uma rede social, a imagem de um carro de Recife com adesivos em



alusão ao Rei do Baião. O veículo estava estacionado em frente à estação ferroviária de SJDR em uma coincidência que levou o comunicador a estabelecer uma relação: “De trem é o jeito mais provável que ele tenha chegado aqui, quando de sua morada na cidade”, lembrou.

E completou: “Nosso 11º Batalhão é muito mais rico de histórias do que podemos imaginar. Há muitos Gonzagas que, imagino, cada qual com seu talento, passaram por aqui. Eu não sei o quanto o nosso município afetou ou impregnou o jovem militar nordestino. Mas sei que não é possível passar por nossa cidade e sair sem marcas”.

Algumas delas, inclusive, de digitais. Pelo menos foi isso o que contou o advogado e economista César Boscolo, ao comentar a foto publicada por Nascimento. “Ouço sobre a passagem dele por São João há mais 60 anos, tudo dito pelos meus falecidos pais, avós, tios, vizinhos... Inclusive diziam também que ele chegou a tocar na sanfona do meu avô”.

Além do músico, porém, havia o boêmio. O são-joanense José Celestino Teixeira, hoje residente em Caxambu, também relata episódios que ouviu na infância: “Li em uma entrevista que em Juiz de Fora ele tocava sanfona tão sentido que juntava gente em frente ao quartel. O comandante o proibiu de fazer isso e quase o prendeu. Foi nesse material impresso que confirmei a passagem dele por São João. Minha mãe dizia tê-lo conhecido nos Bailes da Vida”.

UM AMOR?

O contato mais próximo, porém, parece ter sido o de Dona Celeste. A neta dela, que pediu para ser não ser identificada, diz que o caso hoje é contado quase como

confissão religiosa na família. “Minha avó repetia essa história escondida do meu avô, que morria de ciúmes. Então crescemos sabendo que ela só corre na boca miúda mesmo. Tenho medo de alguém ler na revista, questionar o pessoal lá em casa e acontecer um divórcio após mais de 70 anos de casamento”, ri.

É que Dona Celeste jura ter recebido galanteios e promessas de casamento do Rei do Baião, que mais tarde cantaria “vem, morena, pros meus braços. Vem, morena, vem dançar”. “Ele a viu algumas vezes em festas da cidade e se aproximou. Diz vovó que sempre o alertou para o fato de ser comprometida, mas meu avô nunca estava por perto. Então o Gonzaga insistia. Acontece que numa noite o futuro marido dela apareceu e a coisa ficou feia”, narra.

Dona Celeste nunca mais viu o ousado militar. Quer dizer, pelo menos não pessoalmente. “Muitos anos depois ela reconheceu o Gonzagão na TV e contou para os filhos que ele queria casar com ela. Não acreditavam muito, mas pela ira do meu avô, só podia ser verdade. Tanto que proibiu menções a esse assunto (*risos*)”, diverte-se.

A SAUDADE

Gonzagão permaneceu nestas terras até meados de 1938, antes de migrar para Ouro Fino e, lá, dar baixa após dez anos de Exército. Antes, porém, foi a São Paulo encontrar um vendedor ambulante que, certa vez, lhe prometeu uma sanfona alemã à prestação. Na



Gonzagão, em destaque, posa com banda militar durante passagem pelas Vertentes

oferta, alertou Luiz Gonzaga de que deveria pagar todas as mensalidades antes de receber o produto, algo que só aconteceria em território paulista.

O nordestino acabou cedendo frente ao instrumento branco, novinho, de oitenta baixos. O plano era, com ele, voltar a Exu. Ansioso e agoniado, rifou a sanfona velha, juntou 700 mil reis e decidiu pagar tudo à vista. Não é preciso dizer que o futuro Rei do Baião foi vítima de um golpe.

O resto foi história e sucesso. Com malas desfeitas tempos depois no Rio de Janeiro, passou a tocar nas ruas e em prostíbulos até ser contratado por uma gravadora e pela Rádio Nacional, onde se apresentava para o auditório.

Foi ali que adotou as vestimentas de vaqueiro nordestino e levou a cultura local ao reconhecimento em todo o Brasil. Com isso, antes de falecer dormindo em 1989, vítima de pneumonia, cumpriu o sonho que anunciou certa vez: “Quero ser lembrado como o sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão. Que cantou as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes, o amor”.

... Minha vida é andar por este país pra ver se um dia descanso feliz

Mineiro, 'MENINO DO RIO' e inventor



Aos 94 anos, são-tiaguense prepara livro de memórias e garante: "Se puder inspirar alguém a entender que é possível superar limitações e crescer, morrerei feliz"

O sotaque transformando "s" em "x" e as repetidas beliscadinhas no queijo caseiro preparado pela esposa dão dicas importantes so-

bre o perfil de Adail Lima, 94 anos.

De fato, o simpático e falante senhor é uma mistura perfeita entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O primeiro Estado é aquele em que viveu mais de 50 anos. O último é aquele onde nasceu e para onde voltou em 1998.

Trajétoria que pode parecer corriqueira, mas tem reviravoltas importantes no enredo: como o próprio Adail gosta de contar, saiu do interior mineiro como semianalfabeto para transformar a vida na capital carioca como inventor. Tudo isso fará parte de um livro de memórias que vem sendo preparado por ele. Mas ganhou resumo especial para a nossa revista.

TRAJETÓRIA

Dos anos 50 até o final dos anos 90, Lima fez o que ele próprio duvidava conseguir – ou sequer imaginava – na adolescência: estabelecido no Rio de Janeiro e contratado por multinacionais, criou, patenteou e lançou no mercado um “interruptor geral para motor estacionário. Era um sistema totalmente diferente para alta amperagem e baixa voltagem”, explica o mineiro radicado em solo carioca abusando dos termos técnicos.

Na prática, o sistema inovou o funcionamento de automóveis, ônibus e até mesmo barcos enquanto garantiu a Lima uma vida confortável. Mas penosa.

Entre a inquietação por criar coisas novas e loucas – como gosta de classificar – e manter o próprio negócio funcionando, era preciso dedicação quase exclusiva ao trabalho. Mais ainda depois que a demanda por suas invenções cresceu e passou a contar com colaboradores. “Cheguei a ter 15 funcionários. Era uma fábrica pequena voltada essencialmente a eletrometalurgia, fornecendo para corporações como Mesbla, Marco Polo e Mercedes Benz”, lembra.

Não foi fácil, porém, chegar até ali. Assim como percalços, cansaço e escolhas precipitadas afastaram Lima da empresa. Agora, prestes a completar 95 anos, oscila entre o saudosismo e a conformidade ao olhar para trás. Diz que lamenta alguns erros sem chegar a se arrepender deles. E que agora se dedica à maior criação: um livro de memórias com causos dos 9 aos 90 anos.

O COMEÇO

Anos 20. Um professor carioca se apaixona por uma simpática mineirinha de São Tiago. Desse encanto nascem setes rebentos. O segundo deles, Lima, um menino movido à curiosidade e desde pequeno compreensivo quanto a algo que a muitos assusta: as mudanças da vida. Em todos os sentidos.

Ainda garoto e já com experiência como retirado na roça, migrou com a família para Conceição da Barra de Minas. Tinha apenas 10 anos. Mal se adaptou à cidade, se viu fazendo as malas mais uma vez. Agora para o Rio de Janeiro (capital brasileira até 1960). “Imagina só aquele tanto de gente da zona rural mineira chegando a solo carioca. Um casal com vários filhos pequenos, só com o primário no currículo. Se é que podíamos chamar o conhecimento que acumulávamos de currículo”, ri Lima.

No entanto, tudo o que viu e protagonizou depois foi experiência suficiente para uma enciclopédia.

APRENDIZADO

Recém-submetido a uma cirurgia nos olhos, Lima os mantém sob óculos escuros para aprimorar a recuperação. O brilho que as lentes escondem, porém, acaba se manifestando no sorriso enquanto espreguiça gentilmente em uma cadeira da cozinha, vira o rosto para a janela, sente os raios de sol entrando por ali e viaja no tempo.

“Eu vi a II Guerra terminar quando estava no Rio, em 1945. Lembro do Maracanã como um monte de materiais de construção (*risos*)... Assim como recordo a inauguração dele. Aliás, eu estava lá, no Maracanazo. Vocês sofrem pelo 7x1 enquanto ainda ouço o silêncio no estádio na final de 1950, contra o Uruguai. Barbosa era o goleiro. Eu estava ao lado dele quando os adversários marcaram, desempataram o jogo e tomaram

a taça de nós”, narra.

É com detalhes que ele explica, ainda, a construção da ponte Rio-Niterói, nos anos 1960. Lima assume, porém, que nenhuma estrutura foi mais difícil de pavimentar que a história pessoal. Mesmo com pouca alfabetização e estável em um trabalho como limpador de máquinas, Lima sonhava com a carreira militar. “Querida fazer Tiro de Guerra”, lembra.

Eis que a carreira exigia ao menos proximidade do Ensino Superior. E foi aí que o futuro inventor quase desistiu: “Na prática, não tinha chances nem de me matricular. Mas como um tio meu era instrutor no Exército, deram um jeito de me incluir. Nada disso me livrou de uma série de humilhações durante um ano”.

Se engana quem pensa que elas o desmotivaram. Ao contrário: viraram mola e o empurraram para a carreira que transformou sua vida. Após um ano batendo continência, Lima decidiu apostar em cursos profissionalizantes. Virou torneiro mecânico, ferramenteiro, soldador, projetista.

A VIRADA

Com tantos certificados, o radicado “Menino do Rio” acabou contratado por uma firma alemã. Com o salário, passou a ajudar a família com as despesas de casa. Cresceu e acumulou tanto que, certo dia, comprou o primeiro imóvel.

Ápice? Não. O agora oficialmente eletrometalúrgico queria ir além e montar o próprio negócio. Ideia ambiciosa que ganhou apoio inclusive de patrões e companheiros de jornada, mas encontrou impasses. “Um gringo judeu que gostava muito de mim me emprestou a oficina para começar, já que eu não tinha nada. E foi ali que surgiu o interruptor, minha maior invenção. Certo dia, quando já tinha material para dar entrada na propriedade industrial, porém, descobri que minutos antes ele havia tentado patentear a minha criação. Foi uma luta judicial ab-

surda para provar que a ideia era minha”, lembra.

As sentenças, porém, beneficiaram Lima. E não demorou para que decidisse dar os próprios passos. Daí alugou uma loja perto do famoso sambódromo carioca, adquiriu máquinas e seguiu fabricando o polêmico interruptor. Nessa altura, ganhou um nome: ARLA. “De Adail Rodrigues Lima (*risos*). Nunca parei de criar, mas foi com ele que trabalhei até o fim da carreira”, narra suspirando.

PERDAS

O semblante pesaroso tem explicação. Após criar vários tipos de chaves mecânicas, dispositivos elétricos, antenas, ventoinhas para motores Mercedes Benz e uma lista outros itens impossíveis de listar aqui, Lima saiu do mercado.

Nas mãos, marcas do tempo fazendo todos os tipos de trabalho na fazenda, das atividades militares, dos serviços em fábricas, dos projetos e implementações que levam seu nome. Na história, altos e baixos que o fizeram optar pelo sossego. Em meio ao sucesso como inventor, o mineiro experimentou dissabores na vida pessoal. O maior deles a perda da primeira esposa, com quem teve um filho.

Mais tarde, viu que as economias começaram a se esgotar. “Nunca me preocupei em fazer poupança, pensar no futuro. O dinheiro que eu ganhei, gastei. Para piorar, preocupei pouco com Previdência e segui os conselhos de um contador, que me sugeriu aposentar por tempo de contribuição, apenas. Acho que ambos esperávamos que eu fosse ser bem-sucedido até o fim”, relembra.

SÃO TIAGO

Não foi bem assim. Cansado do trabalho incessante há mais de 30 anos e da visão de prédios, elevadores e carros buzinando sem parar, decidiu fazer as malas. O des-

tino? Aquele onde poderia “deitar debaixo de uma árvore e tomar uma cervejinha sem medo. Sim, São Tiago, para onde Lima voltou em 1998.

Lá encontrou um município com potencial, se envolvendo na promessa econômica do café com biscoito e prosperando. Cenário muito diferente do carioca, em crise na época. “O Rio abrigava as principais indústrias. No entanto, com a construção de Brasília e a mudança da capital para o Centro do país, em 1960, foi São Paulo que explodiu. Um fenômeno louco, que transformou a história e tem resquícios até hoje”, acrescenta.

Ainda assim, na próspera São Tiago, tentou mais uma vez a sorte na eletrometalurgia. Como gerente, escalou o profissional que exerceu o cargo na empresa que manteve no Rio.

Lima conta que o “braço direito”, como costuma chama-lo, desembarcou em Minas. E que os planos era atuarem juntos num imóvel reformado, onde antes funcionava uma antiga fábrica de polvilho são-tiaguense.

Outra pedra apareceu no caminho, como descreveria Carlos Drummond de Andrade: “Inespe-



Lima na juventude, no Rio de Janeiro: a arte de se (re)inventar na vida e na profissão

radamente, meu amigo precisou voltar ao Rio. A mãe adoeceu e, além disso, não se adaptou muito à região. Outro conhecido, então, me fez uma proposta: comprar maquinário, *know-how*, patentes. Cedi”, diz.

O desfecho, surpreendente, tem porquês importantes. Lima conta que o pai faleceu aos 74 anos, idade próxima à que ele próprio se encontrava na época. Sem cerimônias, o inventor garante ter cismado, então, que estava prestes “a partir para o outro lado”. Daí a decisão. E jura não se arrepender dela.

POSITIVIDADE

Mais de 20 anos se passaram e Adail Lima segue forte. Além do sotaque, do jeito boa-praça e da memória detalhista, que usa como inspiração para um livro que pretende lançar, ele mantém intocável o vulcão de ideias que o tornaram empreendedor no Rio de Janeiro.

Também não muda uma filosofia de vida: a de nunca se arrepender. Hoje casado novamente com Ida Madalena e orgulhoso do filho, o professor João Batista Lima, diz que olha para o passado como anos bem vividos. “No mais, sou feliz hoje. Estou vivo, estou bem. Joguei bola com os amigos até bem pouco tempo. Parei porque não sou de aço. Agora só ficar aqui sentindo esse cheirinho de cozinha mineira e contando para as pessoas o que vivi. Se puder inspirar alguém a entender que é possível superar limitações e crescer, morrerei feliz”, garante.

Exatamente por isso, escreve há quatro anos, junto com um sobrinho, a própria biografia. Uma forma de registrar o que aprendeu e de acalmar os pensamentos. Nada fácil. Até hoje, explica, não consegue entrar em um ônibus sem pensar no interruptor que criou e possivelmente está lá, fazendo a máquina funcionar. “É a minha chavinha. Fabricada por outros, talvez até modernizada. Mas minha”.



Agências Sicoob Credivertentes

Alfredo Vasconcelos
Av. Agostinho Bianchetti, 49 loja A
Centro - MG - CEP: 36.272-000
Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredivertentes.com.br

Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068
Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcredivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000
Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000
Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000
Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcredivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000
Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcredivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000
Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000
Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcredivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000
Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 250
Centro - MG - CEP: 35.541-000
Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000
Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcredivertentes.com.br

Prados
Rua Magalhães Gomes, 88
Centro - MG - CEP: 36.320-000
Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcredivertentes.com.br

Resende Costa
Rua Gonçalves Pinto, 135
Centro - MG - CEP: 36.340-000
Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcredivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000
Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiúva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312
Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br



SICOOB
Credivercentes